

EDUCAÇÃO

V.10 • N.3 • Publicação Contínua - 2021

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2021v10n3p361-376



EGODOCUMENTOS COMO FONTES PARA A HISTÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO OITOCENTISTA: LEVANTAMENTO EM BIBLIOTECAS DE BRASÍLIA

EGODOCUMENTS AS SOURCES FOR THE HISTORY
OF NINETEENTH CENTURY EDUCATION:
A SURVEY IN LIBRARIES IN BRASÍLIA

EGODOCUMENTOS COMO FUNTES PARA LA HISTORIA DE
LA ESCOLARIZACIÓN EN OCHOCENTISTA: LISTADO EN
BIBLIOTECAS DE BRASÍLIA

Juarez José Tuchinski dos Anjos¹
Gleicielen Araujo Souza²

RESUMO

O artigo elege como objeto de estudo um conjunto de egodocumentos existentes no acervo de Obras Raras da Câmara dos Deputados e Biblioteca Central da Universidade de Brasília. O objetivo é localizar, nestes acervos, egodocumentos produzidos por personagens do século XIX, que tenham vivenciado processos de escolarização no período imperial e, mais especificamente, inventariar e mapear tais egodocumentos bem como destacar as possibilidades que abrem para a pesquisa em história da escolarização no Império. A metodologia de pesquisa constou dos seguintes procedimentos: a) Busca por egodocumentos nas bases de dados das Bibliotecas da Câmara e da Biblioteca Central da Universidade de Brasília por meio de palavras-chave como “memórias”, “autobiografia”, “reminiscências”, dentre outras, que foram definidas no contato com a documentação e as bases consultadas; b) Digitalização das obras localizadas quando traziam informações relativas à escola e a escolarização do período; c) Sistematização em banco de dados das fontes coletadas, classificando-as e descrevendo o seu conteúdo. Foram localizados 15 egodocumentos com referências à escola e a escolarização, apontando múltiplas possibilidades de pesquisa sobre a história da escola e da escolarização no Oitocentos.

PALAVRAS-CHAVE

Egodocumentos. Escolarização. Século XIX. Brasil.

ABSTRACT

The object of study of the present paper consists in a set of egodocuments existing in the Rare Works collection of the Chamber of Deputies and of the Central Library of the University of Brasília. It aims at locating, in these collections, egodocuments produced by characters of the nineteenth century who have experienced schooling processes in the imperial period and, more specifically, to inventory and map such egodocuments, highlighting the possibilities that they open for research in history of education in the Empire. The methodology of the research consisted of the following procedures: a) Search for egodocuments in the databases of the Libraries of the Chamber and of the Central Library of the University of Brasília by means of keywords such as “memories”, “autobiography”, “reminiscences”, among others, which were defined in contact with the researched documentation and bases; b) Digitization of the works presenting information related to school and education in that period; c) Systematization in a database of the collected sources, classifying and describing their content. Fifteen egodocuments containing references to school and education were located, pointing out multiple possibilities for research on the history of school and education in the nineteenth century.

KEYWORDS

Egodocuments. Schooling. XIX century. Brazil.

RESUMEN

El artículo elige como objeto de estudio un conjunto de egodocumentos existentes en la colección de Obras Raras de la Cámara de Diputados y la Biblioteca Central de la Universidad de Brasilia. El objetivo es ubicar, en estas colecciones, egodocumentos producidos por personajes del siglo XIX que han experimentado procesos de escolarización en el período imperial y, más específicamente, inventariar y mapear dichos egodocumentos, así como resaltar las posibilidades que abren para la investigación en la historia de la escolarización en el Imperio. La metodología de investigación consistió en los siguientes procedimientos: a) Búsqueda de egodocumentos en las bases de datos de las Bibliotecas de la Cámara y la Biblioteca Central de la Universidad de Brasilia utilizando palabras clave como “recuerdos”, “autobiografía”, “reminiscencias”, entre otras, las cuales fueron definidas en contacto con la documentación y bases consultadas; b) Digitalización de obras ubicadas cuando traían información relacionada con la escuela y la escolaridad del período; c) Sistematización en base de datos de las fuentes recopiladas, clasificándolas y describiendo su contenido. Se encontraron 15 egodocumentos con referencias a la escuela y la escolarización, señalando múltiples posibilidades de investigación sobre la historia de la escuela y la escolarización en el siglo XIX.

PALABRAS CLAVE

Egodocumentos. Enseñanza. Siglo XIX. Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo elege como objeto de estudo um conjunto de egodocumentos existentes no acervo de Obras Raras da Câmara dos Deputados e Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UnB). Desenvolve-se no interior do projeto “Os Arquivos de Brasília e a História da Educação Brasileira no Império: inventário de fontes e perspectivas de pesquisa”², somando-se, nesse sentido, a outros trabalhos mais ou menos recentes – como os de Faria Filho (1997), Hilsdorf (2002), Simões e Franco (2004), Anjos, Souza e Barbosa (2013), para citar alguns – que têm partilhado da preocupação historiográfica com a localização de novas fontes históricas, a fim de possibilitar a escuta de outras vozes para a narrativa da história da educação nos Oitocentos.

Tem sido frequentemente destacado na historiografia da educação contemporânea (GONDRA; SCHUELLER, 2008; GONDRA; SCHNEIDER, 2011) o crescente interesse dos historiadores e historadoras pela história da escola e da escolarização no Império. Uma das temáticas onde mais se têm realizado investimentos é a do estudo das culturas escolares (VIDAL, 2005). Cada vez mais tem se afirmado a ideia de que, para entender como a escola se institucionalizou no Brasil Imperial, é preciso apreender o modo como ela foi aos poucos se afirmando e deixando marcas na vida dos sujeitos que nela vivenciaram o processo de escolarização por meio das normas e práticas – para falar com Dominique Julia (2001) – que, efetivamente, a constituíram como instituição social necessária.

Todavia, um desafio incontornável para aqueles interessados em desenvolver estudos nessa direção é o que diz respeito à localização de fontes documentais que permitam, justamente, a apreensão das normas e das práticas educativas, tal qual vivenciadas por esses atores históricos. Um tipo de documentação que, aos poucos, vem sendo descoberta, é a constituída pelos chamados egodocumentos – “aqueles textos nos quais o sujeito fala ou se refere a si mesmo, nos quais o eu encontra refúgio e se converte em elemento de referência” (VIÑAO, 2000, p. 11, *tradução livre*) –, isto é, textos autobiográficos, memórias, reminiscências etc. redigidos por adultos que, em criança, vivenciaram o processo de escolarização no Império.

Nesse tipo de documentação, segundo Anjos (2017), abre-se para o historiador da educação a possibilidade de compreensão da história da escola sob uma outra perspectiva, a da criança, “ou melhor: a dos adultos rememorando, por meio de uma operação retórica – a retórica da infância (BECCHI, 1994) – as crianças que um dia foram e as marcas que a instituição escolar que viram deixou em suas vidas” (ANJOS, 2017, p. 9). Torna-se possível, por meio dessa base empírica, dar a voz a sujeitos que, geralmente, não recebem a devida atenção na pesquisa histórica, no caso, a criança que frequentou as escolas brasileiras do tempo do Império.

² Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), agência à qual registramos agradecimentos.

A historiografia até pouco tempo percebia a escola no Império como um espaço dirigido a elite e vetado para crianças negras (GOUVÊA, 2007). Essa visão fundamenta-se no pressuposto de que os filhos dos pobres e negros seriam cidadãos mais aproveitáveis, executando trabalhos em uma lavoura, por exemplo (VIVEIROS, 2006). Porém, existem registros que confirmam a presença de meninos e meninas negros nas escolas públicas tanto que hoje vários trabalhos demonstram que a escola pública era destinada, especialmente, a negros e mestiços (GOUVÊA, 2007) bem como às crianças de classes médias e menos abastadas.

Por outro lado, falar em escola no Império é falar de múltiplas estratégias de escolarização: a escola pública, como dito, voltada à população de forma mais ampla e as escolas particulares, colégios e internatos, voltados às classes médias altas e elites (GONDRA; SCHUELLER, 2008). Em todo caso, uma compreensão aprofundada da história da escolarização passa pela apreensão dessas diferentes maneiras de escolarizar crianças e, nesse sentido, os egodocumentos também são fontes interessantes para pesquisa e contraste.

Feito este preâmbulo, o objetivo deste artigo é localizar, nas Bibliotecas da Câmara dos Deputados e da Universidade de Brasília, campus Darcy Ribeiro, egodocumentos produzidos por personagens do século XIX, que tenham vivenciado processos de escolarização no período imperial e, mais especificamente, inventariar e mapear tais egodocumentos bem como destacar as possibilidades que abrem para a pesquisa em história da escolarização no Império.

A metodologia de pesquisa constou dos seguintes procedimentos: a) Busca por egodocumentos nas bases de dados das Bibliotecas da Câmara e da Biblioteca Central da Universidade de Brasília por meio de palavras-chave como “memórias”, “autobiografia”, “reminiscências”, dentre outras, que foram definidas no contato com a documentação e as bases consultadas; b) Digitalização das obras localizadas quando traziam informações relativas à escola e a escolarização do período; c) Sistematização em banco de dados das fontes coletadas, classificando-as e descrevendo o seu conteúdo.

As informações detalhadas acerca das fontes encontradas integram, atualmente, o banco de dados da pesquisa “Os Arquivos de Brasília e a História da Educação Brasileira no Império: inventário de fontes e perspectivas de pesquisa”. Para a discussão neste artigo, optou-se por apresentar uma síntese do perfil dos egoautores identificados, distribuição cronológica dos relatos por década e uma primeira análise dos temas ligados à escolarização localizados nos egodocumentos por número de ocorrências.

2 LOCALIZANDO E INTERROGANDO EGODOCUMENTOS

Como define Michel de Certeau (2002, p. 81) acerca da operação historiográfica:

Em história tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos, mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto.

Assim, seguindo estas coordenadas certeunianas de pesquisa histórica aliadas aos procedimentos metodológicos descritos na introdução, localizou-se, num primeiro momento, 32 egodocumentos. Por meio da leitura desse material, contudo, verificou-se que em apenas 15 deles havia referências à escolarização na infância dos egoautores, constituindo-se, assim, na base empírica aqui considerada e analisada.

O Quadro abaixo apresenta o panorama geral do perfil dos egoautores identificados na pesquisa (QUADRO 1):

Quadro 1 – Perfil dos egoautores identificados nos acervos da seção de obras raras da Biblioteca da Câmara dos Deputados e da Universidade de Brasília

EGOAUTOR	OBRA	ANO DE NASCIMENTO	LOCAL	PROFISSÃO
ABRANCHES, Dunshee de.	O cativoiro (memórias)	1867	Maranhão	Professor e político
ALBUQUERQUE, Medeiros	Minha vida da infância a mocidade memórias	1867	Recife	Professor e político
BACKHEUSER, Everardo. Minha terra minha vida:	Minha terra minha vida	1867	Niterói	Engenheiro e escritor
BARROS, Maria Paes.	No tempo de Dantes.	1851	São Paulo	Dona de Casa
BARROS, Salathiel Soares.	Reminiscências	1868	Não identificado	Não identificado
BELLO, José Maria.	Memórias	1885	Pernambuco	Historiador e político
OTTONI, Cristiano Benedito.	Autobiografia	1811	Rio de Janeiro	Engenheiro e Senador
FREITAS, Affonso A.	Tradições e reminiscências paulistanas	1868	São Paulo	Não identificado
LIMA, Oliveira	Memórias	1867	Recife	Escritor e acadêmico
MAUÁ, Visconde	Autobiografia	1813	Rio Grande do Sul	Comerciante

EGOAUTOR	OBRA	ANO DE NASCIMENTO	LOCAL	PROFISSÃO
PINTO, Adolfo Augusto	Minha vida (memórias de um engenheiro paulista)	1856	São Paulo	Engenheiro
PIRES, Aurélio	Homens e factos de meu tempo.	1862	Não identificado	Não identificado
REZENDE, Francisco de Paula Ferreira	Minhas Recordações	1832	Minas Gerais	Juiz
REZENDE, Geraldo	Um idealista realizador	1846	Rio de Janeiro	Proprietário rural
RIO BRANCO, Barão	Reminiscências do Barão do Rio Branco	1845	Rio de Janeiro	Advogado e diplomata

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir deste quadro é possível observar o local de nascimento e as respectivas profissões dos egoautores. Por um lado, esses são dados importantes para a crítica desses documentos, já que as profissões que tiveram na vida adulta podem ter influenciado no modo como seus narraram ou interpretaram determinados aspectos de sua infância, pois como postula Collin Heywood (2004, p. 16) acerca das autobiografias como fontes para a história da infância, “elas provavelmente revelarão tanto sobre o autor no momento da escrita quanto sobre seu passado” de modo que caberá ao historiador aprender a separar esses tempos cruzados para chegar aos dados que deseja investigar, de fato.

Por outro lado, a dimensão regional dos relatos, além de apontar que foram localizados mais egodocumentos relativos às regiões sudeste e nordeste, anuncia a possibilidade de se efetuarem, com base neles, análises comparadas regionais (como egodocumentos falando da escolarização numa mesma região) ou entre diferentes regiões (cruzando egodocumentos de diferentes locais numa mesma época histórica ou período histórico aproximado).

Ainda no aspecto profissional dos egoautores, grande parte dos localizados possuía mais de uma profissão. Porém, a ocupação predominante são as de atividades ligadas ao poder público, seguida por ocupações acadêmicas. A profissão que possui menor frequência é a dona de casa, afinal, contamos com a presença de apenas uma mulher no *corpus* inventariado. De fato, a maior parte dos egodocumentos encontrados foram escritos por homens, sobre sua infância. Essa constatação implica que, com base neles, temos acesso a uma história principalmente sobre a educação que meninos receberam e, eventualmente, uma menina.

Essa questão, mais do que uma limitação, abre espaço para uma série de problematizações sobre o que toca a categoria gênero, especialmente no que se remete à construção das masculinidades pela

educação, tema ainda pouco explorado na historiografia educacional (CRUZ E ZICCA, 2008; 2011). Ao mesmo tempo, o acúmulo de estudos sobre a temática da educação feminina oitocentista (tema, esse, muito mais explorado), pode servir de bom ponto de partida para tensionamento dessa dimensão na base empírica aqui apresentada.

O próximo quadro procura oferecer informações sobre a cronologia abarcada pelos egodocumentos localizados, isto é, a que períodos do século XIX seus relatos sobre a infância e a escolarização se referem. A classificação foi feita por décadas (QUADRO 2).

Quadro 2 – Periodização abarcada pelos relatos egodocumentais identificados nos acervos da seção de obras raras da Biblioteca da Câmara dos Deputados e da Universidade de Brasília

Egoautor	Distribuição cronológica dos relatos por décadas									
	1800	1810	1820	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890
ABRANCHES, Dunshee de										
ALBU- QUERQUE, Medeiros										
BACKHEU- SER, Everardo										
BARROS, Maria Paes.										
BARROS, Salathiel Soares										
BELLO, José Maria										
OTTONI, Cristiano Benedito										
FREITAS, Affonso A										
LIMA, Oliveira										
MAUÁ, Visconde										

Egoautor	Distribuição cronológica dos relatos por décadas									
	1800	1810	1820	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890
PINTO, Adolfo Augusto										
PIRES, Aurélio										
REZENDE, Francisco de Ferreira										
REZENDE, Geraldo										
RIO BRANCO, Barão										

Fonte: Elaborado pelos autores.

O período mais coberto pelos relatos localizados é a segunda metade do século, mais especificamente as décadas de 1860 e 1870. Coincidentemente, é um período em que a historiografia aponta como de ampliação da escolarização e de grande debate educacional no país, em parte devido à afirmação da obrigatoriedade escolar, em parte à transição do trabalho escravo para o livre, o que colocou a questão da escolarização da população pobre e mestiça em evidência (ANJOS, 2017). Veja-se, por exemplo, o relato de Aurélio Pires, relativo aos anos de 1862-1869, aproximadamente e que atesta a disseminação de escolas públicas nas cidades por onde seu pai, juiz, viajava e levava consigo a família, por força de seu trabalho:

Aprendi as primeiras letras un peau partout aqui, ali, acolá, em aulas de ensino público de diversas cidades por onde íamos peregrinando, na tarefa penosa e despremiada que coube ao meu saudoso pai, de distribuir justiça aos povos das diversas comarcas que perambulou. (PIRES, 1939, p. 20).

Mesmo a primeira metade do século contando com um número menor de relatos (4, ao todo), estes possuem também a capacidade de oferecer informações sobre práticas e modalidades de escolarização então colocadas em movimento no Brasil, especialmente por coincidirem com o início da fase de descentralização do ensino, em que coube às províncias organizarem a instrução primária e secundária, o que deu origem a uma série de iniciativas educacionais que assumiram variadas formas nas diversas localidades do império (GONDRA; SCHUELLER, 2008). Era uma época, inclusive, de intensos debates políticos – época da Independência, da abdicação, das regências – e que deixaram marcas na vida dos escolares, como relata o mineiro Francisco de Paula Rezende, escolarizado por volta dos anos 1832-1842:

[...] nasci e me criei no tempo da regência. [...] nesse tempo o Brasil vivia, por assim dizer, ou, em outros termos, vivia em uma atmosfera tão essencialmente política que o menino, que em casa muito depressa aprendia a falar liberdade e a pátria, quando ia para a escola, apenas sabia soletrar a doutrina cristã, começava logo a ler e aprender a constituição política do Império. (REZENDE, 1944, p. 68).

Mas, que aspectos da história da escolarização dos egoautores os egodocumentos localizados permitem estudar? A Tabela 1 apresenta uma síntese dos temas localizados nessa base empírica:

Tabela 1 – Temas ligados à escolarização localizados nos egodocumentos por número de ocorrências

Tema	Número de ocorrências
Internato	12
Ensino secundário	11
Profissão docente	07
Escolarização doméstica	05
Capital cultural adquirido	04
Externato	04
Panorama da instrução numa localidade	04
Práticas de leitura	04
Educação feminina	03
Culturas e sociabilidades infantis	03
Castigos Físicos	02
Exames escolares	02
Ensino religioso	01
Escolarização do social	01
Exames	01
Inspeção escolar	01
Métodos de ensino	01
Preceptoria	01
Total	67

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os egodocumentos, conforme a Tabela 1, anunciam a possibilidade de serem investigados vários aspectos da educação da infância no Império.

Um primeiro aspecto é o que diz respeito à experiência de escolarização em internatos, referida 12 vezes na documentação compulsada. Os internatos constituíam-se em uma modalidade de instrução voltada a famílias das classes altas (CONCEIÇÃO, 2017), visando oferecer uma educação diferenciada a seus filhos, por vezes, longe de casa e numa rotina de educação bastante intensa. Porém, nem sempre era visto com bons olhos pelos meninos, conforme atesta o pernambucano Júlio Bello, relativamente às décadas de 1870-1880, aproximadamente:

Aqui, a cada traquinada que eu fazia, ameaçavam-me com o Recife e com o Colégio. O colégio naquele tempo era a prisão, o encerramento, a obrigação, a hora certa na leitura, o castigo, a palmatória. A ideia do Recife estava no meu espírito ligado ao colégio e todas aquelas coisas desagradáveis. E essa impressão primeira ficou para sempre predominando no meu espírito. (BELLO, 1938, p. 64).

Também, encontram-se nos egodocumentos selecionados relatos de experiências de escolarização em nível secundário, numa época em que ele não necessariamente constituía-se em ensino sequencial (11 ocorrências); dados para uma história da profissão docente, pela referência a aspectos da vida e do fazer docente dos professores com os quais conviveram na infância alguns dos egoautores (7 ocorrências) e informações sobre as práticas de escolarização doméstica – modalidade das mais importantes no período, por vezes, até mesmo concorrendo com a escolarização institucionalizada (5 ocorrências/referências).

Nas reminiscências sobre o ensino secundário, ganham destaque a descrição dos conteúdos ensinados, como o faz Cristiano Benedito Ottoni, remetendo-se provavelmente à década de 1830, aproximadamente. Relata o que aprendeu na academia da Marinha:

Os preparatórios [para o ensino secundário] eram tradução de francês e rudimentos de aritmética [...]

1º ano (matérias regularmente desenvolvidas) aritmética, álgebra até equações do 2º grau, geometria, trigonometria retilínea;

2º ano (em transepto cada matéria) álgebra superior, geometria analítica, cálculo diferencial e integral mecânica.

3º ano trigonometria esférica, astronomia náutica, navegação. (OTTONI, 1870, p. 33; 35).

Sobre a profissão docente, as evidências fornecidas pelos egodocumentos encontrados também são relevantes. Como pondera Denice Catani (2000), sob o termo profissão docente encobrem-se uma gama de elementos constitutivos da profissão professor, vários deles em fase de produção no Oitocentos. Sobre os saberes de que eram portadores os professores, tal qual capturados num egodocumento, fala-nos, por exemplo, Francisco de Paula Ferreira Rezende (1944, p. 212):

Durante a aula ou pelo menos em certos dias ou quando as lições terminavam mais cedo, o Padre Mestre, por gosto ou unicamente para preencher o tempo, tinha por costume contar-

-nos alguma anedotas ou referir-nos alguns fatos cujo fim principal era a nossa instrução moral ou então dar-nos alguns conhecimentos sobre muitas outras coisas que não era propriamente latim; lembrando-me ainda de se haver proposto uma ocasião a nos dar algumas lições de ortografia, para o que durante algum tempo nos mandava a todos escrever o que ele ia lendo um livro, cujo título ignoro; mas de que o primeiro trecho que tivemos de escrever, começava por esta forma: - O homem nasceu para o trabalho como a ave para o voo.

Já sobre a escolarização doméstica – ou educação na casa, como prefere nominá-la Maria Celi Vasconcelos (2004) – relata-nos Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá:

Era d. Mariana de Sousa, senhora perspicaz e inteligente e, ao notar que o filho, já nessa idade, herdava-lhe aumentados esses dons, começou a desde cedo ensinar-lhe as primeiras letras, aprendendo ele, assim, sob os seus desvelos, rapidamente, a ler e a contar. De par com essa instrução inicial procurou ainda, desde logo, firmar-lhe o caráter sobre preceitos da religião católica, que lhe ficaria no substrato moral. (MAUÁ, 194-, p. 18).

Com 4 referências/ocorrências na documentação inventariada, os egodocumentos também trazem informações sobre o que temos chamado de capital cultural adquirido, isto é, saberes e hábitos que os egoautores afirmam terem aprendido ou levado para a vida em decorrência de sua passagem por uma escola ou colégio. Da mesma forma, também são localizadas na documentação informações sobre práticas de educação em externatos, detalhes sobre a situação da instrução pública em determinada localidade onde estudou o egoautor na infância assim como informações sobre práticas e hábitos de leitura na infância, temática bastante valorizada na historiografia da educação brasileira recente. Sobre esse último tema, a título de exemplo, vale destacar o relato de José Maria Bello sobre os livros literários que mais impressão lhe causaram na infância:

As primeiras leituras de Júlio Verne alargavam-me por mundos exóticos ou ignotos a curiosidade ecumênica. Como seria a China, o fundo dos mares, o centro da terra, a lua? Creio que naquela época li também as Viagens de Gulliver e Robinson Crusoe, em edições populares. (BELLO, 1958, p. 25).

Além disso, também foram localizadas nos egodocumentos informações sobre: educação feminina (3 ocorrências); culturas e sociabilidades infantis (3 ocorrências); castigos físicos (2 ocorrências) e exames escolares (3 ocorrências).

Acerca da educação feminina – ou por vezes as poucas possibilidades de acesso à instrução por parte das meninas em determinados contextos – é significativo o que relata Maria Paes de Barros, remetendo-se à década de 1850:

Sendo a instrução muito elementar, por não haver colégios para o sexo feminino, nem tampouco livrarias, as ocupações das meninas cingiam-se à vida doméstica. Raramente lhes chegava ao alcance um livro, exceto o da missa ou uma dessas narrativas de fama

universal, como o Paulo e Virgínia, de Bernardin de St. Pierre, que liam, então, com ávido interesse. Pode-se dizer que este livro, do qual algumas de nossas avós citava de cor páginas inteiras, foi as suas delícias, o motivo de suas conversações e de lágrimas entrecidas. (BARROS, 1998, p. 5).

Sobre exames escolares – momento importante na escola oitocentista, no qual se confirmava socialmente o papel e relevância dos saberes escolares transmitidos bem como o sucesso ou insucesso do processo de escolarização (ANJOS, 2011) – é ilustrativo o relato de Everardo Backheuser sobre a prática do exame semanal realizado pela sua mestra de primeiras letras, Hermínia:

Aos sábados, dona Hermínia enfileirar os alunos para a sabatina de gramática, de geografia e de tabuada. O ensino deixava de ser individual. Perfilavam-se a classe inteira em torno da cadeira da professora, desde o lado esquerdo até o lado direito da mesa, envolvendo-a em semicírculo. Primeira pergunta, ao primeiro da fila. Se a pessoa era certa, caía sobre o segundo de chofre a segunda questão. Se, ao contrário, o primeiro hesitava, vinha logo: - Adiante! Adiante! Adiante! até que um sabia. (BACKHEUSER, 1994, p. 35-36).

Já nos colégios, os exames finais eram mais solenes, conforme Medeiros de Albuquerque (1993, p. 20): “Os exames finais eram prestados no Externato, julgados por uma mesa em que figuravam os professores dos dois ramos do Colégio”.

Por fim, além dos temas já apontados, com uma ocorrência para cada tema/aspecto da educação escolarizada oitocentista, encontram-se, ainda, nos egodocumentos localizados, informações sobre ensino religioso; escolarização do social; inspeção escolar; métodos de ensino e preceptoria. Mesmo sendo ocorrências pontuais, podem servir de contraponto a análise de outras práticas ou temas mais frequentes nessa amostra aqui mobilizada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou oferecer uma contribuição à história da educação no Império pelo levantamento de fontes documentais – os egodocumentos – existentes em acervos da cidade de Brasília, particularmente a seção de obras raras da Biblioteca da Câmara dos Deputados e a Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

A pesquisa permitiu observar a pertinência dessa documentação para a pesquisa histórica, na medida em que desvela cenas do cotidiano escolar e percepções dos sujeitos da escolarização, isto é, os adultos que em criança frequentaram os diversos espaços de instrução formal no Brasil oitocentista. Ao mesmo tempo, os resultados obtidos sinalizam a fecundidade e necessidade de futuros investimentos na localização desse tipo de documentos, para além dos acervos aqui trabalhados, em outras bibliotecas e acervos tanto existentes em Brasília como em outras partes do país. Ainda assim, considera-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado e ela já oferece ponto de partida para estudos

futuros que queiram tomar estes egodocumentos como fontes historiográficas e matéria-prima para a escrita de múltiplas narrativas sobre a história da escola e da escolarização no Brasil Império.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Medeiros. **Minha vida da infância à mocidade:** Memórias. Rio de Janeiro: Calvino Filho Editor, 1993.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A criança no processo de escolarização primária na Província do Paraná (1867-1885): uma história ao rés-do-chão. Reunião anual da ANPED, 34, 2011. **Anais[...]** Natal: ANPED-UFRN, 2011.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. **Coisas que em crianças viram, reminiscências que em adultos contam:** a institucionalização da escola primária na província do Paraná através de egodocumentos (1853-1889). 2017. Relatório final (Estágio pós-doutoral) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná Curitiba, 2017.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. **Uma trama na história:** a criança no processo de escolarização primária nas últimas décadas do período imperial. Curitiba: Editora da UFPR, 2018.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; SOUZA, Gizele de; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. O arquivo público paranaense: possibilidades de pesquisa em história da educação no período provincial. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 39, n. 3, p. 627-643, jul./set. 2013.

BACKHEUSER, Everardo. **Minha terra e minha vida:** Niteroi há um século. Rio de Janeiro: Niterói Livros, 1994.

BARROS, Maria Paes de. **No tempo dantes.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

BELLO, José Maria. **Memórias.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.

BELLO, Júlio. **Memórias de um senhor de engenho.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1938.

CATANI, Denice Bárbara. Estudos de história da profissão docente. *In:* VEIGA, Cynthia Greive; LOPES, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 585-599.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar: colégios-internatos no Brasil (1840-1950)**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe, 2017.

CRUZ E ZICA, Matheus da. **Diversificação dos modos de ser masculino e estatização da violência masculina na escrita literária e jornalística de Bernardo Guimarães**. 2011. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CRUZ E ZICA, Matheus da. **Educação e masculinidade na produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães (1852-1883)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 6, n. 10, p. 163-174, 1997.

GONDRA, José Gonçalves; SCHNEIDER, Omar. **Educação e instrução na Corte e nas Províncias**. Vitória: EDUFES, 2011.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOUVÊA, Maria Cristina. A escolarização da criança brasileira no século XIX: apontamentos para uma re-escrita. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 121-146, jan./jun. 2007.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Tempos de escola – fontes para a presença feminina na educação escolar – São Paulo – século XIX. In: GONDRA, José Gonçalves (org.). **Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p. 133-145.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 1, n. 1, 2001.

MAUÁ, Visconde de. **Autobiografia**. Rio de Janeiro: Editora Zelio Valverde, 194-.

OTTONI, Cristiano Benedito. **Autobiografia**. Rio de Janeiro, 1870.

PIRES, Aurélio. **Homens e factos do meu tempo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira. **Minhas recordações**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1944.

SIMÕES, Regina Helena; FRANCO, Sebastião Pimentel. Arquivos, fontes e historiografia capixaba: tecendo espaços/tempos de reflexão, produção, socialização e investigação histórica da educação no Espírito Santo. Congresso Brasileiro de História da Educação, 3, 2004, Curitiba. **Anais[...]**, Curitiba: SBHE, 2004.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**. a educação no Brasil do Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

VIÑAO, Antonio. A modo de prólogo, refúgios del yo, refúgios de otros. *In*: MIGNOT, Ana Cristina *et al.* (org.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.

VIVEIROS, Kilza Fernanda Moreira de. A criança negra no Maranhão: uma leitura a partir da infância afro-descendente no Brasil. Congresso Brasileiro de História da Educação, 6, 2006, Goiânia. **Anais[...]**, Goiânia: SBHE, 2006.

Recebido em: 26 de Agosto de 2020

Avaliado em: 11 de Novembro de 2020

Aceito em: 10 de Agosto de 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

1 Doutor em Educação; Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional – UnB. E-mail: juarezdosanjos@unb.br

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Brasília – UnB.
E-mail: gleicielen1996@gmail.com

